

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Caísa Couto Carvalho

**DISCURSOS DA SAÚDE PÚBLICA E VIOLÊNCIA EM JUIZ DE FORA:
Uma análise do material veiculado no MGTV 2ª Edição**

**Juiz de Fora
Dezembro de 2014**

Caísa Couto Carvalho

DISCURSOS DA SAÚDE PÚBLICA E VIOLÊNCIA EM JUIZ DE FORA:

Uma análise do material veiculado no MGTV 2ª Edição

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

Juiz de Fora
Dezembro de 2014

Caísa Couto Carvalho

Discursos da Saúde Pública em Juiz de Fora:
Uma análise do material veiculado pelo MGTV 2ª Edição

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana
(FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (FACOM/UFJF) - orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (FACOM/UFJF) - convidado(a)

Profa. Dra. Cláudia de Albuquerque Thomé (FACOM/UFJF) – convidado(a)

Juiz de Fora, 9 de dezembro de 2014.

A Deus, pela sabedoria e força de vontade dadas ao longo do caminho, para que eu chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, agradeço o incentivo e o apoio sempre incondicional para cumprir essa jornada, tão sonhada por todos nós.

Aos meus amigos, namorado e familiares agradeço por sempre confiarem em mim, dando forças e comemorando as vitórias.

Ao meu orientador Weden, agradeço a confiança de colaborar para esse trabalho, sempre com atenção e paciência para que obtivéssemos um bom resultado.

“O jornalismo nunca pode ficar em silêncio: Esta é a sua maior virtude e o seu maior defeito. É preciso falar, e falar imediatamente, enquanto os ecos da maravilha, as alegações de triunfo e os sinais de horror ainda estão no ar”.

– Anatole Henry Grunwald

RESUMO

O trabalho busca fazer uma análise discursiva do material veiculado no telejornal local mais assistido em Juiz de Fora e região, o MGTV e traçar de que forma assuntos sempre presentes no cotidiano do telespectador são pautados e exibidos. São escolhidos para essa análise os discursos construídos com a temática de saúde pública durante um período de seis meses, coletados a partir do portal online da emissora do telejornal, a TV Integração. Desse material, são separados dois vídeos de destaque dentro de um todo pesquisado e que são usados como amostra para o objetivo do trabalho, que é analisar de que forma os discursos são feitos e os efeitos de sentido provocados. O material é descrito e analisado logo em seguida, embasado por conceitos de telejornalismo aliados ao método da análise de discurso. É considerado texto discursivo não apenas o texto escrito pelos autores do material, mas também, imagens, escolha de personagens e edição das matérias.

Palavras-chave: Telejornalismo. Discurso. Violência. Saúde pública.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 TELEJORNALISMO.....	11
Breve histórico, principais momentos e papel no dia de hoje	
2.1 TELEJORNALISMO E DISCURSOS.....	17
Os elementos do discursos no telejornalismo	
2.2 SAÚDE E VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO.....	22
3.1 DISCURSO E MÉTODO.....	27
3.2 DESCRIÇÃO.....	31
Decupagem detalhada do material para análise	
3.3 ANÁLISE.....	38
Análise discursiva e crítica do material	
4 CONCLUSÃO.....	45
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

1.INTRODUÇÃO

Todos os dias a maioria das pessoas chega a sua casa e liga seu aparelho de televisão para acompanhar a programação dos mais diversos canais abertos ou fechados, seja por força do hábito, para ter um barulho de companhia, seja para realmente consumir aquele conteúdo exibido e assimilar os sentidos que ele traz para a nossa realidade naquele determinado momento. A televisão é um dos seus programas mais tradicionais, os telejornais, fazem parte do costume diário da população, estão inseridos na rotina mesmo não ocupando o papel principal, sendo assistidos enquanto uma refeição é feita, um trabalho é executado, entre outras atividades. Prova disso, é a presença de televisões quase que na totalidade dos lares, independente de renda e condições de moradia.

Hoje o momento é de mudanças, já que os principais telejornais passam por significativas quedas de audiência frente a concorrência das mídias online e principalmente das mídias de demanda. Mesmo assim, os telejornais ainda se apresentam como meio de informação fundamental.

Os mais diversos conteúdos são trazidos até os telespectadores diariamente, com diferentes formatos, narrativas e recursos. Áudio, imagem, artes, locais, personagens da vida real compõe essas histórias que estão no ar para trazer o que é julgado ser o mais importante e relevante a cada dia. Os telejornais seguem a premissa de sempre apresentar o que é de interesse do público em sua programação, apresentando com olhar claro e objetivo o que de mais importante acontece, desde os fatos da cidade e região, no caso dos canais locais, até o noticiário internacional, veiculado nas redes e canais exclusivos de notícia. Mesmo sem querer e sem dedicar total atenção, captamos muitas dessas narrações e as levamos para a conversa na mesa do jantar, para a discussão no escritório e nas filas do banco.

As notícias a nossa volta são os produtos dos telejornais e são feitas, desde a sugestão de uma pauta até a edição final, com uma espécie de marca de quem a produziu. Afetado pela exterioridade, o autor nesse caso pode ser considerado não só a própria emissora, mas até mesmo o estilo do repórter e da equipe responsável por cada matéria. Além disso, cada telejornal possui sua característica, influenciada por pesquisas que determinam o tipo de público que o assiste, o perfil desse telespectador e o que ele busca ao acompanhar determinado noticiário. Até mesmo o horário veiculado interfere na estrutura e no modo como as notícias são apresentadas, de forma que sejam

absorvidas da melhor maneira possível e possam ser entendidas pelo público. Isso é um dos fatores que faz com que um mesmo fato acontecimento possa gerar várias formas de dizê-lo, diferentes redes de sentido.

A falta de tempo dos dias atuais e a simultaneidade presente nas nossas atividades, fazem com que nem sempre possamos ir além do que nos é transmitido. O ‘assistir televisão’ não é mais uma ação exclusiva, em que se está a frente da tela com total concentração. Assiste-se televisão enquanto fazemos refeições, conversamos com alguém, checamos o celular e usamos o computador. Isso faz com que muitas vezes apenas a essência da matéria, ou seja, os pontos principais que constroem a narrativa fiquem fixados para o telespectador. Alguns detalhes que podem ser determinantes na interpretação podem passar despercebidos. Tudo isso caracteriza a mudança em como o consumo do telejornal é realizado.

Esse trabalho busca trazer uma análise, a título de exemplo e usando como ferramenta a análise de discurso, de como as notícias que assistimos todos os dias apresentam muito mais sentidos do que observamos em um primeiro olhar. O telespectador não precisa ser apenas quem recebe a mensagem de forma passiva. O telespectador de hoje pode ser caracterizado como um participante ativo no processo de comunicação, pois pode receber a mensagem e comentar, apresentar o seu feedback, principalmente com o advento das redes sociais, muito utilizadas pelos principais meios de comunicação, com a manutenção de páginas e perfis exclusivos dos jornais e telejornais, para que possam se comunicar diretamente com o público de forma interativa.

Durante essa análise, procuramos investigar os mais diferentes efeitos de sentido causados por um determinado enunciado e como ele pode servir de exemplo para nossa leitura de outros discursos semelhantes no que diz respeito à temática, formato e veículo de comunicação.

Enquanto muitos trabalhos na área do telejornalismo se dedicam a estudar mais os aspectos técnicos e visuais, queremos apresentar uma análise embasada teoricamente na análise de discurso que nos permita ir mais a fundo em fatos que fazem parte do nosso cotidiano e também fazer parte das pautas frequentes dos telejornais de maior audiência na cidade de Juiz de Fora e região. Os discursos, no caso desse trabalho envolvendo saúde e violência, mas também os discursos políticos, econômicos e de outros temas, são carregados de sentidos que muitas vezes nos passam despercebidos.

Portanto, buscamos no conteúdo do MGTV, o telejornal local de maior alcance na cidade e na região da Zona da Mata, material para construirmos essa análise que quer indagar sobre os sentidos produzidos em torno de violência e seu viés como problema também de saúde pública.

Analisar discursivamente é uma atividade que se exercitada diariamente faz com que mudemos o nosso jeito de receber informações e assimilar esses sentidos, o que nos torna telespectadores muito mais críticos e participativos desse processo de comunicação.

2. TELEJORNALISMO

Desde 1950 o telejornalismo faz parte do cotidiano dos brasileiros, quando surgiram os primeiros produtos do formato que conhecemos hoje. Os primeiros programas foram criados e exibidos pela extinta TV Tupi, sendo o primeiro deles o **Imagens do Dia**, sucedido pelo **Telenotícias Panair** e depois por um dos telejornais mais conhecidos e considerado um dos mais importantes da história, o **Repórter Esso**. A importância do Repórter Esso foi tão grande, que até hoje ele é referência nas aulas dos cursos de jornalismo e chegou a dar nome a um dos mais importantes prêmios para profissionais de jornalismo do país. Nessa época, de acordo com PATERNOSTRO, o telejornal era ainda um formato inédito e sem muitas características próprias e exclusivas de um programa de notícias produzido para a televisão, já que era muito influenciado pelo rádio, que até então, era o principal veículo de comunicação do país.

Com locução em off, um texto em estilo radiofônico, pois o rádio era o modelo que se tinha na época. Entrava no ar entre as nove e meia e dez da noite, sem qualquer preocupação com a pontualidade. O formato era simples: Rui Resende era o locutor, produtor e redator das notícias, e algumas notas tinham imagens feitas em filme preto e branco, sem som. (PATERNOSTRO, 1987, p.35).

Ao longo das décadas, o telejornal foi se modernizando ao fazer uso de mais recursos e a explorar mais o uso da imagem. Outro ponto importante é o ganho de experiência dos profissionais, que antes não contavam com conhecimento necessário para se produzir jornalismo para a televisão, o que caracterizou uma fase mais experimental. A partir daí, pode-se dizer que os telejornais começaram a ser mais

estudados e pensados, aproximando-se pouco a pouco dos telejornais que acompanhamos na atualidade, com uso de recursos e com estilo característico de narrativas audiovisuais. Na década de 60 a televisão passou a ser mais importante no país e outros canais passaram a exibir telejornais.

As novidades tecnológicas se incorporavam a comunicação e os meios de informação se afirmavam. O homem na sua ânsia de vencer barreiras, no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo que surge a televisão, com a informação na sua forma mais dinâmica e universal: a imagem. (PATERNOSTRO, 1987, p. 20)

Um dos grandes momentos do telejornalismo se deu com o surgimento do vídeo tape, o VT, que permitiu ao telejornal a criação de narrativas para transmitir as notícias e causou uma grande revolução no estilo telejornalístico. Nessa época, o telejornal de referência é o Jornal de Vanguarda, marco da época pelas mudanças que trouxe e que inspiraram seus descendentes. Saiu do ar com o AI-5, durante os anos de ditadura e forte censura à imprensa.

O golpe militar de 1964 que resultou na ditadura militar não permitiu um avanço maior no conteúdo e formato dos telejornais durante esse período, devido à censura e interferência constante nos meios de comunicação, fazendo com que as notícias ficassem mais limitadas e engessadas dentro do que era permitido na época, já que departamentos do governo se dedicavam a fiscalizar e regulamentar a programação da televisão, principalmente os telejornais, para que nada que fosse de desagrado do governo dos militares fosse exibido. Mas, a partir de 1970 a expansão foi retomada, com a estreia de produtos como o Jornal Nacional na Rede Globo, o Titulares da Notícia na TV Bandeirantes, Rede Nacional de Notícias da TV Tupi e A Hora da Notícia da TV Cultura, o primeiro telejornal de uma emissora pública.

Além dos novos telejornais no ar, essa expansão se deu, principalmente, com o desenvolvimento desses programas, principalmente com a ajuda do desenvolvimento tecnológico, a criação de novos equipamentos e a mudança na estrutura das redações e equipes de reportagem, que passaram a contar com a exibição de matérias em cores, podendo exibir mais detalhes, links ao vivo com repórteres em diversos locais trazendo notícias quase instantâneas, o que até então era novidade, o noticiário internacional transmitido via satélite, já que o aumento das equipes de jornalismo permitiram as correspondências, além de uma maior preocupação com a produção e redação das matérias.

Soma-se ao desenvolvimento tecnológico o fato de a televisão, antes um aparelho presente apenas em alguns lares, de famílias com melhores condições, cada vez mais penetrar na classe média e aos poucos nas classes menos favorecidas, fazendo com que os telespectadores aumentassem em número e também deixassem de ser um grupo homogêneo, o que exigiu dos telejornais uma adaptação a todas essas mudanças de audiência.

A publicidade também interfere no desenvolvimento e crescimento dos telejornais. As principais campanhas de grandes marcas eram e até hoje são exibidas no intervalo comercial dos principais telejornais, por se encontrarem no chamado horário nobre e concentrarem os maiores índices de audiência dos canais de televisão. São os espaços mais valorizados e importantes para a geração de receita dos principais canais abertos.

Hoje, o telejornalismo está presente em todos os canais abertos, exibidos diariamente, em faixas de horário semelhantes, muitos no chamado 'horário nobre' e são alvo da disputa pela audiência entre as emissoras. A importância é tamanha que muitas emissoras investiram em canais exclusivos de notícias, com telejornais e programas informativos exibidos durante toda a programação. Esses canais são em sua maioria disponíveis apenas na TV paga e apesar de reproduzirem muitos conteúdos veiculados nos telejornais dos canais de origem, precisam investir em matérias mais aprofundadas, séries de reportagem e até mesmo programas dedicados a segmentos específicos, como noticiários focados na economia ou programas de entretenimento, mais voltados para o que chamamos de jornalismo cultural.

Os telejornais foram reformulando seus formatos e narrativas e esse processo ainda é constante, fazendo com que o jornalismo televisivo no Brasil tenha criado uma identidade própria e se libertado da influência dos noticiários americanos, que foi tão presente nos telejornais produzidos entre as décadas de 1960 e 1980.

Com isso, assistir televisão e, principalmente, assistir a um telejornal de preferência, passou a ser uma espécie de hábito das famílias brasileiras, uma parte do cotidiano dedicada a se informar e também se entreter. Cabe destacar a importância do telejornal, principalmente por ser o único meio de informação para muitas pessoas, que não consomem outro tipo de meio de comunicação no cotidiano:

Muito popular, já que abrange todo o arco da sociedade, a televisão é um meio de comunicação que transforma a vida das pessoas, muda

conceitos, forma opiniões, cria hábitos, inspira comportamentos, reduz distâncias, aproxima. É veículo de informação e de entretenimento. (PATERNOSTRO, 1987, p. 20)

A tecnologia permite reportagens cada vez mais elaboradas, as emissoras contam com correspondentes em vários lugares do mundo e foi aperfeiçoada ao longo dos anos a construção das narrativas telejornalísticas, com características próprias e exclusivas do jornalismo audiovisual, explorando o ‘casamento’ entre texto e imagem, além de recursos sonoros, artes, etc. Se for feita uma comparação das matérias produzidas pelos primeiros telejornais com o que assistimos hoje, é notável a diferença do estilo de texto e do formato, mostrando que ao longos dos anos as matérias ganharam mais dinamismo graças aos recursos e essa modernização as tornou mais atrativas e explicativas, tornando muitas vezes os fatos mais claros e próximos do telespectador.

Hoje podemos dizer que a televisão está presente em praticamente todos os lares e é a principal forma de comunicação dos brasileiros, mesmo sendo fortemente ameaçada nos dias atuais pelo advento do jornalismo na internet, que se apresenta de forma acessível em qualquer lugar e se caracteriza pela instantaneidade e interatividade. Como mecanismo de defesa frente a esse forte concorrente, os telejornais investem cada vez mais na presença também no ambiente online. Todos os principais telejornais dos canais que acompanhamos possuem site próprio, onde notícias são publicadas e é possível acompanhar vídeos exibidos em edições de um longo período de tempo.

As redes sociais também desempenham um importante papel de ligação com o público, com atualizações constantes, chamadas do que será exibido na próxima edição e continuidade de matérias exibidas, com bate papos com especialistas e discussões entre o público a respeito de uma matéria que foi assistida na televisão. Com isso, o telespectador não precisa optar por um meio de comunicação, mas tem a opção de ter informação na televisão e complementá-la nos sites e redes sociais. Devido a isso, os telejornais desempenham um papel fundamental como meio de informação do público. Muitos brasileiros têm nesse tipo de programação a principal e única fonte de notícias.

Diferentemente dos veículos impressos, os telejornais podem trazer as notícias de uma forma muito mais próxima do telespectador, já que as matérias são feitas onde estão os acontecimentos e a presença dos repórteres permite uma descrição mais minuciosa dos fatos e se diferencia também do rádio já que as narrativas são mais ricas por contarem com imagens e texto. Por isso, uma das grandes evoluções do telejornalismo é a de que passaram a existir profissionais de televisão, que já pensam na

notícia dentro desse formato e não jornalistas vindos de outros veículos, que acabavam se influenciando pelas técnicas dos outros meios de informação. A instantaneidade também é um ponto a favor, já que os flashes ao vivo permitem com que notícias mais urgentes e que devem ser noticiadas imediatamente, possam entrar logo na programação, sem esperar pela próxima edição de um telejornal a ser veiculada.

O jornalista televisivo desempenha um papel fundamental ao 'contar histórias' para os telespectadores, ele é o elo que liga o fato ao interessado, no caso o público. A visão que o telespectador terá do que está assistindo é o modo como o jornalista ali presente está enxergando os acontecimentos, aumentando a responsabilidade do profissional de transmitir os fatos sempre da melhor maneira possível e da forma mais honesta:

O jornalista de televisão não só confirma no vídeo que está no local em que ocorrem os fatos, como também toma parte da ação que se desenrola e de uma certa maneira convida o telespectador a acompanhá-lo e ser, como ele, uma espécie de testemunha, a participar de forma plena do acontecimento noticiado. Em função disso, em primeiro lugar, também é muito importante a imagem que o jornalista de televisão transmite de si mesmo para o público. (ROGÁN & EQUIZA, 1996, p.61).

Portanto, já é sabido que os telejornais são um dos mais importantes meios de comunicação do brasileiro e conseqüentemente, na realidade regional não é diferente. Além dos noticiários nacional e internacional, com matérias mais abrangentes, há um forte interesse pelas matérias relativas a uma realidade mais próxima do cotidiano dos telespectadores, pois assistir a um fato que acontece no bairro em que ele frequenta, acompanhar as mudanças da cidade em que ele mora e saber do que interfere diretamente no dia a dia é certamente de interesse do público nas mais diversas regiões do país, sejam nas grandes cidades ou nas menores. Por conta disso, as grandes emissoras trabalham com o sistema de afiliadas, que além de apresentarem a programação de rede, trazem em horários determinados à produção local, com conteúdo exclusivo da região pertencente, podendo abranger os diversos interesses do seu telespectador.

Trazendo para a nossa realidade em Juiz de Fora e região, os telejornais são importantes e ocupam posição de destaque quando se trata dos meios de informação da população. A cidade conta com sinal de TV desde o início dos anos 60, quando era possível assistir a algumas emissoras cariocas graças a proximidade. A TV Mariano

Procópio trouxe o princípio do telejornalismo local, com blocos curtos produzidos aqui na cidade e enviados para a TV Tupi, onde eram exibidos. Em 1964, a TV Mariano Procópio deu lugar a TV Industrial, com produção local de Juiz de Fora e sem vínculo de filiação com nenhuma rede nacional. Até que em 1980, foi vendida para a Globo Minas.

Anos depois, o canal passou a ser uma afiliada da Rede Globo, portanto, exibindo a programação da rede durante todo o dia e apresentando programação própria nos horários estabelecidos para os telejornais locais. A afiliada foi durante anos a TV Panorama e a partir de 2012, passou a ser a TV Integração, uma das afiliadas mais antigas da emissora, com sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Hoje, a TV Integração sediada em Juiz de Fora é responsável pela cobertura jornalística das cidades que fazem parte da Zona da Mata, além do Campo das Vertentes.

Os telejornais locais atuais trazem em suas pautas retratos de diferentes setores da cidade e da região da Zona da Mata que faz parte da área de cobertura, como educação, saúde, política, entre outros. A fim de aproximar-se do telespectador, este sempre é representado nas questões coletivas por meio de personagens. Segundo MATA, isso ocorre para transmitir uma identidade, o que torna ainda mais importante o telejornal local:

Nessa direção, investigar as “maneiras” como os telejornais locais dão voz ao seu público em uma cidade pólo da Zona da Mata Mineira, é relevante para fugirmos de conceituações clichê sobre a TV e compreender como as emissoras tentam resgatar/estabelecer uma juizforaneidade e uma identidade local. A mídia, nesse sentido, analisada sob a ótica do telejornal, tanto em esfera local quanto nacional, se constitui atualmente como nova “praça pública” (COUTINHO 2003), onde significativa parcela da população brasileira celebra senão o único, ao menos o mais importante encontro cotidiano com informações de caráter jornalístico. (MATA)

Dessa forma, o telespectador se sente ouvido e representado, já que ao ligar a TV acompanha notícias dos acontecimentos que fazem parte diretamente do seu cotidiano. É certo que os noticiários de âmbito nacional também têm sua importância, mas há um interesse muitas vezes até maior no que diz respeito a problemas do bairro, por exemplo, do que acontecimentos referentes à presidência da república, que muitos telespectadores julgam ser algo distante de suas realidades e sem influência direta em suas vidas.

Principalmente, porque o telejornal local deveria conseguir trazer na sua programação muito do que chamamos de ‘função social’ do jornalista, já que o caráter de comunidade e de serviço é visto de forma mais clara. Mas, isso acontece com pouca frequência atualmente. O público vê no telejornal além de meio de informação, um instrumento de ajuda, de aliado na solução de problemas que muitas vezes começam a ser resolvidos após a divulgação nas grandes mídias, que dão visibilidade ao problema. Até porque, o público julga que os jornalistas tenham um acesso mais privilegiado a informações e contato com autoridades, o que poderia ajuda-los com mais rapidez e eficiência.

Dento dessa construção de uma identidade regional, é também valorizada a cultura local, já que os personagens das matérias sempre são de Juiz de Fora ou das cidades próximas, se assemelhando a quem está assistindo. Além disso, os eventos locais e acontecimentos típicos da região também são sempre noticiados, valorizando o que a região tem a oferecer.

Com isso, fortalecendo essa identificação com o telespectador, também as problemáticas de questões políticas, econômicas e sociais são temas principais da grande maioria dos discursos construídos pelos telejornais locais, envolvendo o telespectador como sujeito dessas formações discursivas e sendo influenciado por relações de poder presentes na realidade local. Por isso, é notável a influência da mídia local na opinião dos cidadãos e telespectadores.

Nessa perspectiva, que prioriza o “discurso” enquanto fomentador de identidades, Alejandro Frigerio defende a idéia de que os problemas sociais são menos objetivamente “construídos” e mais fruto de um processo de definição coletiva. Neste processo, o autor ressalta o poder dos meios de comunicação, da cultura, da ciência e da religião de atuarem numa espécie de “mercado de problemas sociais. Aquilo que, de fato, torna-se um problema nos discursos sociais e políticos em determinado período seria apenas uma gota d’água num oceano de inumeráveis outras mazelas que não entram nessa agenda de discussões públicas. (MATA)

2.1 TELEJORNALISMO E DISCURSOS

Levando em consideração a definição de discurso usada por ORLANDI, de que “o discurso é palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”, temos no telejornalismo uma vastidão de discursos produzidos a todo o momento, em um tipo de material que nos permite uma rica e

aprofundada análise. São muitos elementos ao mesmo tempo que podem sempre ser analisados de forma isolada ou de forma conjunta com outros elementos, permitindo múltiplos efeitos de sentido. Ainda mais se pensarmos que o discurso não é causa, mas sim efeito de sentido e que essa estrutura não é perfeita, portanto, permite sempre uma nova produção de sentidos. Portanto, os telejornais e todas as matérias do seu conteúdo são uma constante “produtora de sentidos”.

Enquanto os outros meios de comunicação, como rádio, jornalismo impresso e até mesmo o jornalismo online voltam os olhares discursivos na grande maioria do tempo apenas para o discurso em formato de texto, o audiovisual traz elementos que podem ser analisados discursivamente tanto de forma separada, quanto na relação com os outros elementos utilizados na construção de uma matéria exibida, pois o discurso trabalha a forma material e abstrata (conteúdo). O discurso não parte da externalidade, mas sim do objeto e dos sentidos produzidos para o contexto histórico.

Sabemos que na televisão, os programas são todos considerados produtos e os telejornais não são exceção, até porque muitos deles vendem os espaços para anunciantes mais caros da grade de seus canais. Os discursos produzidos então pretendem informar e também chamar a atenção do público de forma a atrair atenção e fidelizar sua audiência, os telejornais buscam o tempo todo estabelecer relações com os seus telespectadores.

Além desse caráter comercial, há o caráter político, já apesar da premissa de imparcialidade do jornalismo, os meios de comunicação sempre apresentam as informações influenciadas pelas suas estruturas organizacionais, pelas políticas internas presentes em cada meio de comunicação, seja ele uma grande emissora de televisão ou até mesmo um jornal de bairro e com isso, a análise dos discursos produzidos pelos diferentes canais de televisão em seus telejornais, sejam eles da programação da rede ou das afiliadas regionais, nos permite perceber as relações de poder presentes na realidade dos cidadãos e dos meios de informação. Essas relações podem ser notadas entre público e emissora, público e autoridades e até mesmo entre a emissora e as autoridades e instituições.

Por isso, devemos sempre nos lembrar que nos discursos construídos, inclusive no telejornalismo, os sentidos são regidos para uma leitura específica, uma espécie de leitura que a emissora deseja que o público faça, mas não são instituídos e podem ter seus sentidos deslocados, já que os efeitos produzidos podem ou não ser intencionais. Portanto, o discurso de uma determinada notícia pode atingir o público de maneira

diferente do que foi planejado e também atingir de maneira diferente diversas pessoas, pois cada um tem sua memória discursiva e será afetado por um diferente efeito de sentido. Com isso, os discursos dos telejornais, canal de informação tão importante dentro da cultura dos brasileiros e com tanto poder de influência na formação de opinião dos seus telespectadores, merecem sempre um olhar com atenção para o que nos é apresentado, de forma que seja possível sempre notar não “o que significa” o que estamos assistindo, mas “como se produzem os sentidos”, através das formações discursivas afetadas, do real versus imaginário e dos sujeitos passíveis dos discursos.

Discursos telejornalísticos começam a ser criados antes mesmo de uma matéria ser produzida e gravada, já que o vai ao ar é previamente conversado nas reuniões de pauta, onde editores, produtores e repórteres definem as temáticas que vão pautar as reportagens da próxima edição. Nessas reuniões, tanto os factuais quanto as demais matérias são direcionadas, pois é pensado nesse momento o “como será feito”. Nessa etapa, os assuntos que irão pautar as matérias produzidas no dia são previamente discutidos entre a equipe, já pensando em angulações, no que será ouvido, no que será destacado e pontos que serão deixados de lado. Desde então, o discurso já é interpelado por algum tipo de ideologia, que vai condicionar a forma de se produzir sentidos. Dessa forma, antes mesmo de o produtor apurar as informações e marcações para o repórter ir a rua, a matéria já está condicionada a uma forte ideologia.

Desta forma, são aspectos essenciais da pesquisa em telejornalismo, o mapeamento dos múltiplos elementos da produção dos conteúdos a serem veiculados nos diferentes programas. Situam-se aí o mapeamento das rotinas profissionais, das relações patrão-empregado, das escolhas éticas e das demais etapas que compõem o processo de produção da notícia, da definição da pauta ao estabelecimento das coberturas dos acontecimentos a serem reportados.

(ORLANDI, 2009)

As matérias são pensadas de forma que o resultado, ou seja, os efeitos de sentido produzidos sejam apropriados pelo telespectador da forma como foi desejada desde a pauta criada pela equipe do telejornal, pois o autor sempre tenta estabilizar sentidos. Por isso, todos os detalhes dentro de uma matéria audiovisual são importantes na construção do discurso e muitos deles, não são só meros elementos, como podem ser considerados discursos independentes, pois na composição do que estamos assistindo, podem muitas vezes trazer significantes. Nem sempre isso é notado pelos jornalistas tanto que redigem, quanto os que editam as matérias, já que os deadlines a serem cumpridos

costumam ser rígidos e apertados, o que ocasionam algumas produções de sentido que realmente podem não ter sido intencionais.

Falando então dos elementos que compõem os discursos no telejornalismo, o primeiro a que devemos voltar o nosso ato de ler discursivamente é a escolha das imagens, já que elas são o principal trunfo do jornalismo televisivo em relação a outros como impresso e radiofônico e aqui adquirem a característica de texto, tornando-se discurso. As imagens são o pano de fundo de toda a história narrada, mas são elas que muitas vezes explicam por si só o que está sendo noticiado, detalhando e apresentando de forma direta o que o repórter tenta explicar com palavras. A imagem em movimento durante o OFF dos repórteres, a imagem escolhida para a passagem do repórter, momento em que ele reforça a localização da narrativa que está construindo e até mesmo o ângulo escolhido para as diversas sonoras que fazem parte de uma matéria são um recurso que só o meio audiovisual possui para narrar suas histórias.

Defendemos aqui a aproximação entre a questão discursiva e os modos de significação da imagem como gesto analítico capaz de dar conta das questões da imagem a ponto de deslocarmos o entendimento da imagem de seu vínculo com o campo linguístico e a instância verbal. Em outras palavras, para nos atermos às especificidades do discurso telejornalístico será preciso entender a imagem como discurso e apropriar-se dela pelo que lhe é inerente – o plano não verbal. Somente assim poderemos evidenciar que, embora a imagem possa falar mais que mil palavras, ela, ainda assim, produzirá sentidos de uma maneira diferente do que os planos verbais. (MENDONÇA, 2012, P. 270)

Mesmo assim o texto não deixa de ter a sua importância enquanto elemento do discurso, já que enquanto a imagem é mostrada, o texto geralmente tem a função de explicar o que estamos vendo e acrescentar mais informações. O texto muitas vezes pode ser considerado como o elemento mais sólido das matérias, pois vem confirmar e explicar o que as imagens mostram e no caso de elas deixarem alguma dúvida, cabe ao elemento textual esclarecer. Nas matérias de televisão, o texto é responsabilidade dos repórteres e deve ser redigido de forma que facilite o entendimento, já que o telespectador não lê, apenas ouve. Com isso, as construções são mais simples, as frases são curtas e o vocabulário costuma ser bastante acessível, para que não haja perda de nenhuma informação.

O texto também passa pelo olhar do editor de texto, já que após a construção da matéria, há uma pessoa que se ocupa da função de editar as imagens e o texto do

repórter dentro do tempo da matéria. Em alguns casos, um editor cumpre com a edição de imagem e texto. Em outros, como é na TV Integração, um profissional se responsabiliza pelas imagens e outro apenas edita o texto redigido pelo repórter de acordo com os OFFs, passagens e sonoras adquiridas com os entrevistados.

Em muitos casos o texto é extremamente dependente da imagem e vem complementar o discurso por ela criado, mas pode também ser um discurso a parte, trazendo novas informações ou informações complementares, não só pelo que está sendo falado nos OFFs e passagens, mas pelo que não é falado. É o que ORLANDI (1992) explica ao falar do dito e não dito, ao afirmar que o silêncio não fala: significa. Ou seja, os textos em sua estrutura falada são dignos de análise e os enunciados que não foram usados, informações e detalhes não incluídos também. Não só o que está sendo assistido, o que foi escolhido para ser exibido é objeto de análise, mas também e não menos importante, o que deixou de ser mostrado, porque existem sempre condições influenciando a escolha do que vai ao ar e o que não vai.

Os repórteres ganham cada vez mais espaço e em muitas matérias ganham grande destaque, pois além de autores, que é uma das posições adotadas pelo sujeito, mas também é um sujeito que participa daquele discurso que está trazendo. Se antes eles se comportavam apenas na função de transmitir alguma informação, agora interagem com o acontecimento, com os diferentes sujeitos componentes dos discursos e vivenciam as realidades que estão mostrando. Volta a aparecer aqui à função do repórter de ‘contador de histórias’ para o público, já que o público vê o fato através do trabalho desse profissional.

Os sujeitos escolhidos para fazer parte das matérias são um dos elementos utilizados pelos autores para direcionar o discurso para um determinado efeito de sentido desejado. Além do sujeito autor, representado pelo repórter, muitos outros sujeitos podem fazer parte das matérias e determinar novos sentidos que ela possa produzir. Os mais frequentes são as fontes especializadas, que aparecem como uma forma de dar uma voz profissional, uma opinião de credibilidade, sobre os mais diversos assuntos. É assim nas matérias de violência que sempre contam com a voz da Polícia, os assuntos políticos que sempre ouvem algum representante do governo, entre outros. Também sempre aparecem os sujeitos que tendem a representar, seja como personagem de um tema ou factual, alguém que participa ou foi afetado por esse fato ou então como exemplo de uma opinião, amostra do que está sendo noticiado, já que o personagem é o elemento chave da identificação com o público.

Os sujeitos são ativos dentro das formações discursivas nas matérias de telejornal, ele nunca é o sentido por si só, mas afeta e é afetado pela prática discursiva. Portanto, as falas dos sujeitos, a participação deles nas matérias, condicionadas ao papel do editor que seleciona o que fará parte do que será exibido, são instâncias produtoras de sentido. Na grande maioria das vezes, os trechos escolhidos se encaixam no que o telejornal quer afirmar dentro do seu discurso, colocando em outro interlocutor, a opinião do autor, ou até mesmo o que seja julgado como o que o telespectador quer ouvir, uma espécie de senso comum.

As combinações desses e de outros elementos, originam esse material que para a análise de discurso é considerado tão complexo, rico e de múltiplos detalhes para o analista. Todos esses elementos, somados a escolha de se voltar o olhar para temáticas polêmicas, sempre presentes nas pautas e de direta interferência tanto na vida da população que assiste a esses telejornais quanto das organizações sociais e políticas envolvidas, nos fazem ver de forma diferente contextos comuns no nosso dia a dia e perceber de forma discursiva a informação que nos é apresentada.

A leitura discursiva do que o telejornal nos apresenta vai sempre ser útil e nunca será repetitiva, visto a produção de sentidos muda de acordo com quem lê e de acordo com as condições no momento dessa leitura. Isso permite com que um mesmo discurso televisivo possa ser analisado de maneiras distintas até por uma mesma pessoa, de acordo a externalidade que a afeta no momento dessa análise.

A compreensão do discurso televisivo, em seus processos de constituição, formulação e circulação, contribui para o pensar a televisão não apenas como uma simples tecnologia voltada à transmissão de imagens e sons, mas como participante dos processos de constituição/produção de sentidos na sociedade. (DELA-SILVA, 2007, p.1)

A análise de discurso é um método, é uma leitura diferenciada, que se presente constantemente na visão do telespectador, faz dele um telespectador diferenciado, que depreende de forma mais rica e profunda o que é apresentado a ele a todo momento. A leitura discursiva é ainda pouco praticada nos meios audiovisuais, já que comumente é mais usada como metodologia para estudo de textos, mas analisar o telejornalismo discursivamente é uma ferramenta muito interessante para os formatos e narrativas de informações que recebemos dos telejornais que hoje estão disponíveis na programação.

2.2 SAÚDE E VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO

Os telejornais podem ser definidos como programas cujo conteúdo exclusivo são as notícias, sua especialidade é a produção de informação, dos principais acontecimentos do Brasil e do mundo. São matérias, reportagens especiais, notas, participações ao vivo e entrevistas com o objetivo de levar para o telespectador, um retrato dos fatos julgados como do interesse do público. As teorias de jornalismo pregam uma atividade neutra, imparcial, mas os discursos produzidos sempre carregam em doses moderadas ou não características do meio de comunicação que o veicula. Podemos dizer que os telejornais mostram a realidade, mas já interpelada por algumas influências. O produto que chega até o telespectador passa por diversas etapas, é condicionado a circunstâncias que interferem em seu resultado final de forma significativa em grande parte dos casos envolvendo matérias mais polêmicas, principalmente:

O telejornalismo reúne características da imprensa em geral, que incluem o pretendido relato objetivo dos fatos, por meio da produção de um discurso em que o sujeito é o próprio fato relatado. As reportagens buscam ainda causar um efeito de imparcialidade, com a produção de textos livres de marcas linguísticas capazes de atribuir valores e interpretações aos fatos, como os adjetivos, por exemplo, ou as narrativas em primeira pessoa. O telejornalismo apresenta-se, assim, como portador de um discurso de realidade (DELA-SILVA. 2007 p. 6).

Esse tipo de constatação é comum a todos os tipos de veículos de informação e também a quase todos os temas que pautam o jornalismo. Mas, a influência de estruturas organizacionais, de interferências econômicas e políticas, conflitos de interesse, estratégias comerciais e tantos outros fatores que determinam as relações de poder presentes nos discursos midiáticos pode ser considerada ainda mais forte e visível nos telejornais. Tudo isso, por conta da visibilidade que esse tipo de programação atrai e pelo poder de formação de opinião que apresenta, pois os telejornais e seu conteúdo costumam apresentar um alto grau de confiabilidade do público, que toma o que ali é exibido como uma verdade fiel aos fatos. Principalmente quando se trata dos telejornais mais populares e assistidos, por terem adquirido credibilidade com o público e terem um acesso mais facilitado a grandes fatos e fontes consideradas mais importantes.

Alguns temas frequentes nas pautas são ainda mais polêmicos e interessantes de se analisar. Para esse trabalho os temas escolhidos foram os discursos produzidos pelos

telejornais acerca dos problemas de saúde pública e violência. São matérias exibidas diariamente, seja pelos acontecimentos atuais que merecem ser noticiados de acordo com os critérios de relevância, seja em matérias que apresentam problemas relacionados a esses temas e discutem sobre eles.

A saúde é sempre noticiada, por ser um assunto de interesse de todas as camadas da população. Especificamente a saúde pública, foco de interesse dessa análise, é sempre alvo da atenção dos jornalistas, pois sofre reclamações constantes dos usuários do Sistema Único de Saúde, o SUS, da precariedade dos serviços prestados, da falta de estrutura de hospitais, entre outros pontos. A saúde pública é usada pela maioria dos brasileiros, por todos aqueles que não tem acesso a planos de saúde privados e recorrem a hospitais, postos de saúde, farmácias populares e programas do governo quando precisam de atendimento. Todas essas queixas já criaram uma espécie de padrão, de estereótipo das matérias relacionadas ao assunto que mostram sempre pacientes sem assistência e um sistema que não funciona.

Em contraponto, é de interesse das autoridades responsáveis por gerir a saúde pública, desde o Ministério da Saúde, até as Secretarias Municipais no caso das notícias locais, apresentarem o seu lado e divulgarem ações e propostas que visam à melhoria do assunto. Ao serem ouvidos em matérias que falam sobre o assunto, podem usar esse espaço não só para responderem questões presentes naquela notícia, mas para apresentarem resultados de seu trabalho. Não é de se espantar que a saúde seja também foco dos discursos de propaganda política, de candidatos, etc. Em épocas de processos eleitorais, a saúde sempre ganha um destaque maior, por ser um fator influente na decisão dos eleitores.

Com isso, discursos sobre a saúde pública estão presentes na mídia a todo o momento, conflitando vozes dos diferentes sujeitos que participam dessa realidade. De um lado estão as pessoas que usufruem do sistema, passam por diversos problemas, apresentam reclamações e pedem mudanças. Do outro estão autoridades que administram e de onde são esperadas respostas e atitudes. Acontece que esses discursos “padronizados” nem sempre trazem todas as informações desejadas e ao ouvirem sempre as mesmas vozes e representantes deixam de acrescentar ao conteúdo que assistimos.

Uma análise, ainda que ligeira, das ações e estratégias de comunicação focadas na saúde em nosso País evidencia alguns equívocos e distorções que precisam ser imediatamente corrigidos, sob pena de

perpetuarem uma situação que penaliza, sobretudo, o usuário da informação, seja ele um leitor apressado de jornais e revistas, um desavisado radiouvinte ou, mais frequentemente, um fiel telespectador. (BUENO, 2001).

Outro assunto que é parte da nossa realidade, que vivenciamos no cotidiano e acompanhamos coberturas todos os dias nos telejornais é a questão da violência. Incluem-se aqui vários tipos de violência: urbana, contra a mulher, movidas por algum tipo de preconceito, verbal, etc. Por isso, para reconhecer os discursos sobre violência é preciso antes de tudo entender o que ela é e as diferentes formas que é retratada e que está presente nos acontecimentos cobertos pela mídia televisiva.

É preciso, então, contextualizar as representações da violência para revelar e localizar esse fenômeno social. Em cima disso, vale lembrar que tais representações sociais são construídas a partir dos valores e das ideias de quem as constroem. Sendo assim, na busca rigorosa do que é violência a partir do contexto televisivo, necessariamente, temos que incluir os sentidos desse fenômeno construídos por essa esfera social. No caso do telejornalismo, principalmente aquele com formato popular, muitas vezes, a violência é representada como única e verdadeira. (BARBOSA E SILVA, 2011, p.3)

As matérias sobre a violência trazem em sua maioria coberturas de crimes polêmicos e acabam criando uma narrativa em torno do acontecimento. Em muitas ocorrências, por exemplo, assassinatos, sequestros e desaparecimentos, uma verdadeira trama é construída em torno das investigações. A história das vítimas é apresentada em detalhes, são explorados os suspeitos e os motivos pelos quais levariam a cometer o crime em questão, além de acompanhamento com afinco das ações da polícia durante as investigações. Nessas narrativas de violência, o telespectador acaba sendo levado a uma escolha de quem é inocente e quem é culpado antes mesmo do desfecho.

Por isso, coberturas de grandes casos ganham proporção nacional, até mesmo internacional e atraem tanto a audiência e ganham posição de destaque dentro da programação, com grande espaço dedicado as notícias relacionadas, reportagens a partir de desdobramentos do caso e equipes cobrindo julgamentos e operações policiais o tempo todo, inclusive com entradas ao vivo.

Até mesmo programas com conteúdo todo voltado para notícias de violência estão no ar na televisão brasileira há alguns anos e em mais de um canal. Com um forte apelo popular, a violência é trazida de forma mais sensacionalista, os repórteres mostram detalhes mais minuciosos e até a opinião dos telespectadores é ouvida através de pesquisas. Na maioria das vezes, sonoras com parentes de vítimas e envolvidos são

usadas, aumentando o caráter dramático dessas narrativas. O jornalismo ganha aqui um caráter de certa forma investigativo, já que as matérias instigam no público muitas vezes a vontade de ver a justiça ser feita, como se as matérias veiculadas fossem importantes elementos na luta contra a impunidade.

Nos telejornais, crimes considerados menores também são exibidos e numa espécie de banalização da violência no dia a dia, até mesmo crimes como assassinatos e envolvimento com drogas, passam a ser noticiados muitas vezes apenas por notas secas ao invés de ganharem espaço em uma matéria com mais tempo e elementos. Esse espaço privilegiado passa a ser apenas para os crimes considerados mais relevantes e de interesse do público. A polícia sempre está presente trazendo os detalhes principais e contando sobre as ações da equipe para solucionar os crimes e caracterizam a fonte especializada, as autoridades nesse assunto. Com isso, os discursos de violência nos telejornais, em sua maioria, trazem apenas narrativas de factuais, retratos das ocorrências do dia. Pouco se vê um olhar diferente, que trate a questão de violência além dos crimes cometidos e desenrolar das histórias. A violência que é questão de segurança pública, questão política e social, quase nunca é abordada.

Produz-se um sentido de sociedade caracterizado, grosso modo, por uma divisão da população, estabelecida pelo senso comum, entre as pessoas de bem e os criminosos. A periferia, claro, é representada nas edições dos programas de modo tendencioso, arbitrário. Ali é o local dos criminosos, do caos, da miséria e da subversão, onde o Estado se faz presente principalmente, senão somente, por meio das forças de segurança. Os programas de telejornalismo popular não se acanham em demonstrar suas preferências diante dos casos de violência. Assim, a polícia se apresenta como única solução para o estabelecimento da ordem, da justiça, em um processo de apaziguamento, de busca de um estado de serenidade e disciplinamento. Deixa-se de lado, por conseguinte, outras ações que se enquadrariam num projeto político mais amplo, com visão global dos problemas sociais, apresentando possibilidades de prevenção desses acontecimentos. (BARBOSA E SILVA, 2011, p. 10)

A análise discursiva aqui proposta, quer, portanto, trazer e traçar como esses temas vêm sendo pautados e exibidos para os telespectadores locais, e tentarmos notar de que forma esses temas são pensados. O objetivo é notar se o discurso criado, os personagens ouvidos e o enunciado elaborado são capazes de apresentar um algo a mais para os noticiários diários, se trazem aos telespectadores além de informação e apresentação de fatos e dados, algum tipo de reflexão e discussão para esse tipo de problema que afeta a vida de todos.

3.1 DISCURSO E MÉTODO

Quando analisamos o cenário do jornalismo em Juiz de Fora, nota-se que a cidade conta com variados meios de comunicação. Há mais de um jornal impresso local de veiculação diária, portais na internet, além de emissoras de rádio que apresentam jornais com conteúdo específico da cidade. Mas dentro da imprensa de Juiz de Fora, os telejornais podem ser considerados um dos mais importantes e principais meios de comunicação da população, principalmente, por conta do grande alcance que esse meio possibilita.

Quando se trata do telejornalismo em Juiz de Fora e região, os produtos encontrados são telejornais produzidos por afiliadas locais, que contam com um tempo de exibição mais curto que os jornais da rede. Os programas costumam ser veiculados no horário do almoço ou no começo da noite, horário destinado as afiliadas para exibição de sua programação local. Portanto, as pautas produzidas são exclusivamente relacionadas a assuntos da cidade e de todas as outras da região que fazem parte da área de cobertura, já que os telejornais da rede ficam responsáveis pelo noticiário de âmbito estadual e nacional.

Os telejornais exibidos atualmente são o Jornal da TVE, veiculado pela TVE de Juiz de Fora ligada a Rede Minas, o Jornal da Alterosa exibido pela TV Alterosa afiliada do SBT, que também exibe o Alterosa em Alerta, e na TV Integração é exibido o MGTV, além do bloco local do Bom dia Minas.

Para esse estudo, o telejornal escolhido foi o MGTV 2ª Edição. Veiculado pela TV Integração, afiliada da Rede Globo, é exibido de segunda a sexta-feira, por volta de 19h. É o telejornal local com a maior audiência, ao lado da 1ª Edição, que vai ao ar também de segunda a sexta-feira, ao meio-dia.

As duas edições se diferenciam primeiramente na duração. O MGTV 1ª Edição conta com aproximadamente 40 minutos, enquanto a 2ª Edição varia entre 15 e 20 minutos. Mas, as diferenças principais, encontram-se nas temáticas e no foco de cada um deles, já que o primeiro possui um caráter mais leve, com matérias e notas de serviço a população, comportamento e enfoques comunitários.

O MGTV 2ª Edição, também pelo fato de ter menor duração, apresenta matérias mais objetivas, com tempo de duração variando entre 1 a 2 minutos de acordo com a relevância do assunto dentro daquela edição, alternando com notas secas e notas

cobertas (os chamados loc-offs), dando um ritmo mais dinâmico para o telejornal em questão. Além de apresentar os factuais do dia, trata de assuntos como fatos políticos da cidade, comportamento econômico de Juiz de Fora e região e também violência urbana e saúde pública. Estão mais presentes na 2ª Edição do telejornal um caráter mais crítico e também o enfoque de denúncia.

Portanto, foi escolhido o material produzido apenas pelo MGTV 2ª Edição em todo o segundo semestre do ano de 2013, visto o enfoque dado nas matérias e a frequência dos temas de interesse. Foram listadas todas as matérias veiculadas pelo telejornal desde o dia 1º de julho de 2013, até o dia 31 de dezembro de 2013, observando todas as matérias exibidas de segunda-feira a sábado em todas as edições. A pesquisa se deu nos portais da emissora, que disponibilizam para os telespectadores os vídeos exibidos a cada edição na íntegra, incluindo a chamada feita pela âncora no estúdio, nomeada de ‘cabeça’.

Dentro de todo o material pesquisado, buscou-se selecionar através das chamadas e dos respectivos conteúdos, todas as matérias que envolvem discursos relacionados à violência, assim como é a proposta desse trabalho. O período escolhido para análise se justifica pelo fato de que no ano de 2013, principalmente no segundo semestre, houve significativo aumento de ocorrências policiais e da sensação de preocupação com a violência tanto da parte da população, que se sente cada vez mais insegura e cobra soluções para esse problema, quanto das autoridades responsáveis.

A partir das chamadas exibidas no site para o vídeo de cada uma das matérias, é possível perceber do que elas se tratam. A maioria apresenta factuais, ou seja, notícias sobre algum acontecimento e ações da polícia, a partir de ocorrências cujas informações foram transmitidas por meio dos próprios órgãos policiais. Algumas trazem o impacto das ocorrências de violência para a população, como insegurança, mudanças de hábito, etc. Poucas trazem diferentes leituras sobre violência, com discursos diferentes dos que estamos habituados na programação local.

-Matérias exibidas entre julho e dezembro de 2013:

Julho: 2

08/07 – Homem é suspeito de queimar filha e enteados com ferro de passar roupa

20/07 – Número de crimes violentos cresce e assusta população do estado

Agosto: 7

- 01/08 – Família denuncia violência policial contra adolescente em Juiz de Fora
- 02/08 – PM apresenta suspeito de homicídio em Juiz de Fora
- 07/08 – Homicídios aumentam mais de 120% em Juiz de Fora
- 08/08 – Funcionários, estudantes e pais reclamam de insegurança em escolas da cidade
- 12/08 – Moradores de bairros distantes de Juiz de Fora denunciam insegurança
- 19/08 – Aumenta ocorrências por arma de fogo em Juiz de Fora
- 20/08 – Tratamento de vítimas de violência fica em média 60% mais caro para a saúde pública

Setembro: 11

- 10/09 – Polícia Civil apreende ‘supermaconha’ em Juiz de Fora
- 11/09 – Homem que esfaqueou esposa em Juiz de Fora ainda está desaparecido
- Polícia Militar mantém busca por jovens que atearam fogo em ônibus
- 13/09 – Polícia Civil identifica seis jovens envolvidos em atentado a ônibus
- 16/09 – Maior apreensão de cocaína dos últimos anos em Juiz de Fora
- 18/09 – Responsável por esquema de tráfico de drogas é preso
- 25/09 – Comerciantes de bairro em Juiz de Fora reclamam da falta de segurança
- 26/09 – Após conclusão de atentado a ônibus, polícia investigará outras ligações
- Polícias Civil e Militar analisam aumento dos casos de assassinatos em Juiz de Fora
- 28/09 – Jovem alega ter sido vítima de espancamento em Juiz de Fora
- 30/09 – Polícia Federal apreende 50 kg de crack na BR267

Outubro: 10

- 07/10 – Jovem morto em baile funk tinha passagens, diz PM
- 08/10 – Tecnologia é aliada dos policiais no combate ao crime em Juiz de Fora
- 11/10 – Lotérica é assaltada no centro de Juiz de Fora
- 15/10 – Dados da PM mostram que aumentou a criminalidade envolvendo menores em Juiz de Fora
- 18/10 – Menores furtam carro e destroem loja durante fuga
- 21/10 – Integrante de quadrilha é preso em Juiz de Fora
- 22/10 – Jovens armados assaltam salão de beleza no centro da cidade
- Preso mais um suspeito de integrar quadrilha de tráfico de drogas
- 24/10 – Droga é apreendida em apartamento e suspeitos são presos em Juiz de Fora

29/10 – Delegacia especializada em roubos é implantada em Juiz de Fora

Novembro: 15

01/11 – Operação Impacto tem continuidade nessa sexta-feira

- Polícia Civil prende jovem suspeito de homicídio

- Quadrilha de assaltantes contava com a ajuda de crianças

04/11 – Ousadia de autores de furto a residências chama atenção

05/11 – Juiz de Fora precisa de mais policiais, diz prefeito após morte de taxista

07/11 – Número de homicídios em Juiz de Fora cresce em 2013

- Taxistas se reúnem com representantes da PM e da Prefeitura

08/11 – Jovem confessa ter assassinado taxista por dívida

- Usuário e cobrador se agridem dentro de ônibus

15/11 – Mulher é assassinada a tiros em Juiz de Fora

18/11 – Comerciantes reclamam de roubos e falta de policiamento

19/11 – Polícia Civil lança operação ‘Mais Segurança’

29/11 – Polícia Militar inicia Operação Natalina

- Polícia Civil prende suspeito de participar de roubos

- Aumenta o número de crimes violentos e homicídios em Juiz de Fora

Dezembro: 5

04/12 – Policiamento será reforçado até março no Centro de Juiz de Fora

06/12 – Polícia Civil prende outros envolvidos em roubos na cidade

20/12 – Polícia Militar orienta população de Juiz de Fora para prevenir furtos

26/12 – Jovem com passagem por tráfico de drogas é morto

27/12 – Com medo da violência, moradores investem em câmeras durante as férias

Em seis meses de observação, foram coletadas 50 matérias que trazem em seu conteúdo discursos acerca da violência. Observando uma por uma, assim como já foi dito anteriormente, é possível notar que a maioria delas traz enunciados sobre acontecimentos factuais referentes a esse tema. Pelo menos metade delas se enquadra nesse tipo de matéria.

O que esse trabalho busca é encontrar outras leituras possíveis dentro dessa temática, matérias que se destaquem por pontos de vista diferentes e que não sejam o que o telespectador encara como ‘mais do mesmo’. Discursos sobre violência que

tragam outras discussões, outros ângulos de algo que está tão presente no cotidiano e, portanto, em todos os veículos de comunicação não só locais.

Dentro das cinquenta matérias, duas delas se destacam e chamam a atenção por conta de trabalharem com temáticas um pouco diferentes do que estamos habituados a assistir. Vale destacar que nem todas as matérias foram assistidas e que a escolha se deu pela chamada das matérias. As duas foram exibidas em agosto de 2013, a primeira no dia 19 e a segunda no dia 20. A princípio apenas a chamada da matéria do dia 20 desperta interesse: “Tratamento de vítimas de violência fica em média 60% mais caro para a saúde pública.” Mas ao assisti-la, é estabelecida uma conexão com a matéria veiculada no dia anterior: “Aumenta ocorrências por arma de fogo em Juiz de Fora.”

O que essas matérias trazem de diferente em relação às outras é o tratamento da violência não só como problema urbano e questão social, mas que a violência também pode ser considerada questão de saúde pública. Problemas que são considerados duas questões negativas que a sociedade enfrenta, aqui são observados como um problema ligado a outro, um interfere no andamento do outro. Esse viés é explorado já na primeira matéria como principal assunto tratado e ainda é repercutido e abordado em toda a segunda matéria, que reafirma o conteúdo da primeira e traz mais dados para constatar o que está sendo falado.

Através da análise do discurso criado pelo MGTV 2ª Edição nesses dois materiais, será possível perceber o que as formações discursivas trazem e que efeitos de sentido são causados dentro dessa leitura dada para a temática da violência. Essa leitura permitirá a conclusão se o que foi proposto na pauta e nas chamadas realmente corresponde ao que foi veiculado e discursado nas matérias.

3.2 DESCRIÇÃO

Foram escolhidas como material de análise para este trabalho, as duas matérias veiculadas no MGTV 2ª Edição durante o período analisado que se diferenciaram ao usarem outras leituras diante de um tema sempre noticiado, a violência. A primeira matéria foi ao ar na edição do dia 19 de agosto de 2013 e fala sobre o aumento de ocorrências por arma de fogo e a consequência disso nos hospitais.

Para analisarmos de forma eficiente, buscando encontrar os mais variados efeitos de sentido, é preciso primeiro descrever o material e conhecê-lo de forma detalhada, a

fim de conhecer as imagens, textos e outros detalhes que compõem a criação desses discursos e fazem parte da sua produção de sentidos:

(...) para dar conta do máximo de possibilidades significantes no processo de produção de sentido, é preciso levar em conta a multiplicidade de aspectos que compõem as estratégias enunciativas, políticas e interacionais do discurso telejornalístico. (MENDONÇA, p.259)

No primeiro material analisado temos de 1” até 10” temos a cabeça da âncora no estúdio, atrás da bancada:

“As ocorrências por arma de fogo aumentaram em Juiz de Fora. O reflexo já aparece nos hospitais. No HPS a situação fica ainda mais séria nos finais de semana.”

Entre 11” e 24” entram as imagens do primeiro OFF. Aparece a fachada do HPS, facilmente identificado pelas placas. Há movimento normal de pessoas e carros no estacionamento. Depois a imagem muda para uma ambulância chegando a entrada do hospital. Logo após, a imagem volta para um close na placa principal “PREFEITURA – HPS”. Em seguida, imagens da recepção, com pessoas entrando e saindo normalmente. Durante essas imagens o texto da repórter diz:

“No Hospital de Pronto Socorro é atendida uma vítima de arma de fogo todos os dias, sendo que no fim de semana esse número chega a triplicar. Ocorrência que tem tumultuado o atendimento de urgência e emergência em Juiz de Fora.”

A primeira sonora de entrevistado é entre 25” e 45”. A imagem está centralizada no rosto da entrevistada, que está localizada em frente à fachada do HPS. Usa roupas normais e fala sem esboçar nenhuma reação relevante.

“Normalmente são vítimas de múltiplos tiros e tentativas de assassinato, em órgãos alvos, em órgãos vitais e isso gera um transtorno de toda uma equipe, tanto da parte de exames complementares quanto a parte de assistência médica, enfermagem, enfim, de todo profissional de saúde.”

Em seguida, entre 46” e 1’, entram as imagens do segundo OFF. Volta a aparecer a frente do hospital, focada na placa de identificação. A próxima imagem é da garagem, onde estão estacionadas duas ambulâncias. Aparece uma arte na parte inferior da tela, com as informações: 1º semestre 2013 – 168 baleados. Ao fundo, vemos uma ambulância saindo do hospital. A informação da arte muda para: 2011-157. Enquanto isso, a repórter diz:

“No HPS o número de pacientes baleados aumenta a cada ano. Somente no primeiro semestre de 2013 foram atendidos 168, 7% a mais do que o número de vítimas de todo o ano de 2011.”

Outro entrevistado fala de 1’11” até 1’15”. A imagem está fechada no segundo entrevistado, no mesmo local que a primeira, em frente ao hospital. Ele fala também sem expressões ou reações de destaque.

Diz que “É um desafio muito grande pra equipe, a equipe vive em um estresse constante por causa disso e isso acaba retardando o atendimento a todas as outras urgências que nós teríamos num determinado plantão.”

A passagem da repórter acontece de 1’16” até 1’34”. Ela está em um local residencial, na calçada. É um bairro simples, com casas, pouco movimento, alguns carros e um ponto de ônibus ao fundo.

“Além dos crimes com arma de fogo, aumentou também o número de disparos. A última vítima foi aqui na região Nordeste da cidade, no bairro Granjas Betânia. Um jovem de 21 anos levou 8 tiros. Ele foi operado e o quadro é estável. Mas sobreviver não é o que acontece na maioria dos casos.”

No terceiro OFF entre 1’35” e 1’50” é mostrada uma rua do bairro onde a repórter está. Na subida há alguns carros parados na rua. O bairro aparenta ser simples, mas as ruas são pavimentadas e há várias casas uma ao lado da outra. A imagem muda então para um grupo. São três garotos, aparentam ser jovens. Estão vestindo roupas coloridas, um deles usam boné e estão conversando. A imagem dos três está desfocada, não permitindo maiores detalhes principalmente do rosto deles. Depois volta para outra rua do bairro, onde se pode ver carros e motos transitando. O cenário muda para outro local, agora mais movimentado, com comércio, várias pessoas e um carro da polícia militar estacionado. A repórter diz:

“Um levantamento realizado pela Secretaria de Saúde sobre as vítimas de arma de fogo constatou também que a maior parte delas tem idade entre 14 e 25 anos, a mesma faixa etária dos autores das tentativas e dos homicídios. Um problema que tem preocupado a população.”

Nesse local movimentado, de 1’51” a 2’12” algumas pessoas dão entrevista, o que caracteriza o recurso chamado povo-fala, onde entrevistados são populares e apresentam rápidas sonoras pertinentes ao assunto da matéria sendo exibida. Primeiro aparece um senhor, com os braços cruzados, olha para os lados enquanto fala:

“Eu acho que a segurança é a base de tudo né? Segurança.” Passa uma imagem mais informal. Depois aparece uma senhora, que também fala rapidamente: “Esses meninos, esses jovens, esses adolescentes conseguem arma de fogo com muita facilidade. E eles acham fácil matar, pra eles matar e morrer é a mesma coisa, não faz diferença. Eles matam mesmo, matam a troco de qualquer coisa.”

Em 2’13” a matéria acaba e volta para a âncora no estúdio que está em pé próxima a uma tela. A princípio aparece na tela o logotipo do MGTV, depois a imagem é da repórter que fez a matéria exibida. A âncora fala:

“Nós vamos continuar com esse assunto ao vivo, a repórter Aline Fonseca que é de Divinópolis e passa essa semana com a gente está ao vivo com um representante da Polícia Militar. Boa noite, Aline.”

Entre 2’23” e 3’40” a imagem então passa a ser a da tela, com a repórter em ambiente externo, pois aparece a rua e movimento de carros, está a noite e ela começa a falar: :

“Boa noite. Olha, estatísticas da Polícia Militar comprovam os dados do hospital. No primeiro semestre desse ano em relação ao mesmo período do ano passado houve um aumento de 34% das armas apreendidas. Eu conversei com o Capitão Jean do Amaral. Capitão, como que essas armas que são proibidas chegam até a mão desses adolescentes?”

Depois ela se vira, a imagem abre e aparece o entrevistado. Está fardado e é facilmente identificado como um policial. Ele então começa a falar e a imagem é fechada no entrevistado:

“Boa noite a todos. É importante ressaltar que boa parte das pessoas que utilizaram essas armas de fogo são jovens, na disputa muito banal entre grupos rivais. Com um sentimento de pertencimento errado de seus bairros. Pouco mais das 300 armas, boa parte das 300 armas que

foram apreendidas pela Polícia Militar só no primeiro semestre desse ano estavam de posse desses jovens, o que comprova mais uma vez uma sensação errada que os jovens tem com relação a violência na cidade.”

A repórter faz uma nova pergunta:

“É possível prevenir?” O entrevistado responde em seguida: “Sim, é possível prevenir. Antes de mais nada é importante ressaltar uma questão social, ou seja, as pessoas que estão envolvidas nesses crimes, as pessoas baleadas em Juiz de Fora e que foram vítimas das armas de fogo em Juiz de Fora no início desse ano, boa parte delas são jovens de 14 a 25 anos. Muitas delas envolvidas na disputa de gangues rivais, tráfico de drogas e boa parte desses crimes em crimes passionais.”

A repórter encerra o link ao vivo dizendo:

“Obrigada pelas informações. Lembrando que se você quer contribuir, evitar que essa estatística continue crescendo anote o número 181 do Disque Denúncia.”

A segunda matéria foi ao ar um dia depois, 20 de agosto de 2013, também no MGTV 2ª Edição, repercutindo o assunto da primeira e trazendo os custos para a saúde pública causados por esse tipo de violência. A cabeça da âncora no estúdio vai até 12”, em pé a frente da bancada:

“Ontem você viu aqui no MGTV o crescimento do número de baleados que dão entrada no Hospital de Pronto Socorro em Juiz de Fora. Hoje vamos mostrar quanto custa em média para o município o atendimento as vítimas de violência.”

A matéria começa com a imagem de um policial militar sentado em frente a um computador, na delegacia, atendendo a uma chamada: “Polícia Militar, Emergência, Cabo Thomé.”

Até 26”, é exibido o primeiro OFF. As imagens mostram outra policial no mesmo local, atendendo a chamadas do telefone de emergência da PM, o 190. Depois a imagem fica em plano mais aberto e mostra mais membros da equipe da PM fazendo a mesma atividade, cada um em seu computador com seu telefone. Alguns estão falando, outros digitando informações. Enquanto isso a repórter diz:

“Na maioria das ocorrências a população liga primeiro para a polícia militar. No Centro de Operações da 4ª Região em Juiz de Fora são recebidas em média 1800 ligações por dia.”

Entra uma sonora de 27” até 48” com o entrevistado, usando farda de policial. A imagem dele está no plano principal e ao fundo o ambiente de trabalho do Centro de Operações, já mostrado no OFF de introdução da matéria. Enquanto ele fala, a fala é coberta por imagens novamente dos policiais trabalhando, atendendo ligações e digitando nos computadores. A sala não é grande, os computadores estão separados por baias e como não aparece um plano aberto, não é possível contar quantas pessoas são, mas a impressão é de uma equipe de três a cinco pessoas. O entrevistado diz:

“A gente recebe um chamado, é feito um trabalho de triagem para não haver problema em relação a trotes e outras situações similares e daí a gente faz um despacho que é nessa sala que vocês estão vendo, onde os nossos policiais de rua fazem diversos atendimentos. Os mais comuns são as ocorrências em que tratam aí de ocorrências contra pessoa e patrimônio.”

No segundo OFF, entre 49” e 1’15”, a imagem do Centro de Operações é cortada e entra uma imagem de garagem de hospital, com uma ambulância estacionada. Logo em seguida a fachada do HPS, com alguns carros estacionados e poucas pessoas circulando. A próxima imagem é da recepção do hospital, sinalizada por uma placa vermelha no alto da portaria. É possível enxergar o balcão de informações logo na entrada, algumas pessoas nesse balcão e uma paciente com uma acompanhante paradas na entrada.

A imagem passa para um plano mais aberto que mostra a parte externa do hospital em volta da recepção. Depois, há um close no balcão de informações, onde estão encostados uma mulher e um rapaz solicitando informação. Acima uma placa da administração informando que ali é passagem exclusiva para visitantes e usuários. A imagem volta para a área externa do hospital e são vistos alguns carros, uma ambulância e alguns funcionários e visitantes transitando. O texto do OFF informa:

“Quando existem vítimas elas são encaminhadas para o Hospital de Pronto Socorro, onde são atendidas em média 10 pessoas por dia que sofreram algum tipo de violência. Em muitos casos, ferimentos de faca e disparos de arma de fogo na região da cabeça e do tórax. Justamente onde ficam os órgãos mais sensíveis do corpo humano. Um mesmo paciente pode passar por vários procedimentos que são os mais caros da saúde pública.”

Uma arte é exibida de 1’16” até 1’29”. O fundo é azul e as letras vão aparecendo em branco, mostrando as informações faladas pelo texto da repórter neste OFF. Texto da ARTE:

CUSTO PACIENTE HPS

-Traqueostomia: R\$ 554,77

- Tratamento Cirúrgico de Hematoma: R\$ 1500,72

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde

A repórter explica a arte, dizendo:

“O preço varia entre 554 reais a mais de 1500 reais. Para se recuperar, a pessoa precisa ficar vários dias internada, o que congestiona o atendimento as urgências e emergências.”

Em seguida, em mais um OFF, a repórter está em um dos corredores do HPS conversando com o entrevistado, entre 1’30” e 1’39”. Ela está parada ouvindo a fonte que está falando e gesticulando. A imagem mostra bastante do corredor que está bem movimentado. São várias pessoas transitando no local. O texto do OFF diz:

Um paciente com esse tipo de lesão fica em média 60% mais caro para a saúde pública. Agora se o tratamento passar de três dias, o custo é muito maior.

Depois a imagem foca no entrevistado de 1’40” até 1’53”. O entrevistado Clorivaldo Rocha – diretor do HPS JF começa a falar com a câmera fechada nele, no mesmo ambiente (o corredor do hospital) do OFF anterior. O entrevistado fala sobre o assunto:

“Gira em torno de 7 mil reais. Se nós analisarmos que uma consulta custa em torno de sete reais, nós temos aí o equivalente a 1000 consultas num procedimento de atendimento a uma pessoa vítima de violência. Seja por arma de fogo ou por arma branca.”

A repórter faz a passagem do lado de fora do HPS de 1’54” até 2’11”. Ela está na mesma entrada do hospital mostrada no início da matéria. O local é identificado pela placa grande “PREFEITURA – HPS”. Ao fundo há carros e ambulâncias estacionados e uma movimentação normal de pessoas. No texto da passagem ela diz:

“O problema é que o repasse de verbas dos governos federal e estadual, não aumenta na mesma proporção do crescimento do número de vítimas de violência. Para manter o atendimento a população, a única saída é transferir recursos de outras áreas da saúde para cobrir o custo dos tratamentos.”

De 2'12" até 2'32", volta a aparecer o entrevistado no corredor do hospital, ele está falando novamente:

“O valor que é destinado ao tratamento desse tipo de vítima, poderia ser utilizado em ações de atenção primária, de prevenção e promoção da saúde. Eles acabam sendo utilizados pra tratamento de uma condição que a princípio era prevenível né? Se houvessem ações voltadas pra coibir a violência urbana, com certeza haveria uma redução desse número de vítimas e esse dinheiro poderia ser empregado em outras ações.”

3.3 ANÁLISE

Quando analisamos as duas matérias, é interessante observarmos os elementos separadamente e depois os elementos relacionados entre si. Como o telejornalismo se utiliza do casamento entre som e imagem, o uso de cada um deles e também de outros detalhes é importante de forma independente e claro, de forma conjunta na construção dos discursos.

Talvez o elemento que mais salte aos olhos como constituidor da materialidade discursiva específica do discurso telejornalístico seja o uso da imagem como produtora sentidos. Nesse sentido será necessário investigarmos de que forma a possibilidade de produção de imagens pode ser usada, discursivamente, para legitimar ou recusar as perspectivas apresentadas. (MENDONÇA, p.270)

A primeira matéria escolhida para essa análise, assim como já falado anteriormente, traz o tema da violência pública. Voltando a atenção primeiramente para a questão das imagens, já é notável logo no primeiro OFF a leitura que essa matéria propõe. As imagens são de um hospital, vemos ambulâncias, entrada e saída de pacientes, além de placas de identificação. Não há nada de diferente e que chame atenção nessas imagens, nos transmite o cotidiano de um hospital movimentado em um dia normal apenas. Não aparecem policiais e delegacias assim como é de costume nas outras matérias.

As sonoras com entrevistados mantém a ideia trazida pelas imagens iniciais. No lugar de policiais, a ideia passada é de que são autoridades ligadas a área da saúde, já que o cenário ainda é a fachada do hospital. As fontes são centralizadas na imagem, posicionadas de maneira mais formal e contam com um tempo considerável de

participação na matéria, dando a ideia de que as suas falas trazem conteúdo importante referente ao que está sendo tratado.

Dados são apresentados através de artes exibidas na tela, mostrando que o assunto debatido se trata de uma repercussão de informações que foram obtidas pela equipe sobre a questão de violência. São números altos, escolhidos como exemplo de forma proposital para alarmar a situação noticiada. Portanto, a partir dos dados recebidos e apurados e também por outros relacionados a ocorrências de violência, optou-se por realizar a matéria da forma que foi feita, com as abordagens, fontes e angulação escolhidas.

O cenário então muda, trazendo um novo discurso construído pela matéria. As imagens passam a ser de um bairro, que pelas ruas, tipos de casa e movimentação passam a ideia de um bairro mais simples e afastado da área central. Após algumas imagens cobrindo o OFF, a passagem da repórter é feita no mesmo local. Com isso o efeito de sentido que é provocado ao telespectador imediatamente é de que o bairro está diretamente envolvido e faz parte do assunto principal da matéria, já que a presença da repórter sempre é nos locais diretamente ligados aos acontecimentos.



Fonte: www.g1.globo.com/videos

Mais do que envolver o bairro das imagens na questão da violência, tema principal da matéria, as imagens ditam também os supostos participantes do acontecimento. Além de serem mostradas casas e ruas, um grupo também aparece durante um outro OFF. São três jovens negros, usando bonés e roupas coloridas,

adolescentes típicos de grupos de periferia. Eles são usados como exemplo e acabam por caracterizar um dos sujeitos apresentados nesse discurso, no caso o dos envolvidos com a violência na posição de praticantes dela. A escolha desses jovens para as imagens já se apresenta com um preconceito, já que são negros e de um bairro mais simples, logo podem estar envolvidos com a criminalidade. Como se fosse uma forma de reforçar o caráter de denúncia, a imagem dos três é mantida desfocada em todo o tempo que é exibida, recurso comumente utilizado em matérias policiais como forma de preservar identidade de suspeitos e vítimas.



Fonte: www.g1.globo.com/videos

Após indicar através dessas imagens lugares e pessoas que podem estar envolvidas com o problema discursado na matéria, o cenário passa por outra mudança e o telespectador é situado num local de grande movimentação, onde populares são ouvidos. O recurso do “povo-fala” é produzido em um local que pode ser considerado neutro, onde as opiniões vão ser mais abrangentes, mais generalizadas, enquanto que no bairro, poderia ser ouvida a população que acompanha com muito mais proximidade os problemas de violência.

Os dois escolhidos para darem opiniões são pessoas de mais idade, um homem e uma mulher brancos, como se esses fossem fontes com mais credibilidade e com uma opinião mais próxima do que o telespectador esperava ouvir da matéria, uma opinião com a qual concordasse. No bairro antes mostrado, os meninos desfocados, moradores do local, famílias afetadas seriam participantes de “povo-fala” muito mais eficientes no

caso dessa matéria. Mas, talvez, trouxessem a tona opiniões divergentes do que o telejornal queria trazer dentro desse discurso.

Quando a matéria é encerrada e a âncora chama o link ao vivo, a presença da polícia aparece pela primeira vez. Numa forma de deixar claro que, mesmo com o viés das consequências para a saúde pública, a violência é antes de mais nada um assunto tocante a autoridades policiais, o representante fardado é ouvido por mais de um minuto, tempo bem superior do que foi dado para as fontes relacionadas a órgãos de saúde. Esse espaço marca a fonte policial como sujeito sempre presente nos discursos referentes à violência.

Quando voltamos à atenção para o áudio dessa primeira matéria escolhida para análise, podemos confirmar percepções trazidas pelas imagens e também encontrar outros significantes e outras produções de sentido que foram exploradas pela reportagem apenas na materialidade discursiva dos textos usados pela repórter na construção dos OFFs e até mesmo na escolha das sonoridades dos entrevistados durante a matéria:

Outro aspecto a ser considerado será a tensão entre as potências significantes das imagens e o papel de âncora de sentidos exercido pela instância verbal. (...) Em muitos produtos midiáticos é clara a relação paradoxal entre as potências significantes da imagem e os direcionamentos de sentido desempenhados pelo verbal. (MENDONÇA, p.270)

As autoridades da saúde utilizadas na matéria abordam o impacto da violência em uma realidade já complicada. Além de discorrerem sobre o estresse causado por essas vítimas específicas, o espaço é aproveitado para falar da carência de verbas e de equipe suficiente já para a demanda cotidiana e de como a situação é agravada por terem que atender tantos pacientes baleados, que geralmente chegam em estado grave, com a necessidade de vários exames e procedimentos. Mostra como a saúde pública está despreparada para lidar com um número crescente desse tipo de vítimas. Em momento nenhum foi citado se há algum preparo para as equipes, seja psicológico ou profissional e se a unidade do Hospital de Pronto Socorro conta com espaço suficiente para atender os pacientes.

A mudança de local da frente do hospital para o bairro é justificada pelo texto da repórter ao informar que a última ocorrência por arma de fogo registrada aconteceu lá. Ela fala sobre alguns dados cedidos pela polícia militar relativos aos últimos meses em

Juiz de Fora e chama atenção para o alto número de jovens envolvidos, reforçando o teor de denúncia ao mostrar enquanto a repórter fala, as imagens desfocadas dos jovens do bairro. Assim como as imagens já sugeriram, houve uma ausência na matéria de uma voz local, de um morador, de um jovem do bairro.

A voz de alguém que vive essa realidade de perto traria pontos mais importantes para a discussão, mostraria o lado de quem está dentro das estatísticas, ao contrário dos comentários sobre a falta de segurança que foram feitos por pessoas em outra região da cidade, que talvez não convivam o suficiente com o problema para dar opiniões mais completas e que pudessem acrescentar mais ao material que está sendo veiculado. A repórter usa do local apenas como pano de fundo para dar suas informações e construir o discurso da matéria, mas sem dar voz aos sujeitos locais que foram apontados como envolvidos com o problema durante suas falas.

A matéria é fechada apenas com as fontes ligadas a saúde pública e o povo-fala. O link ao vivo chama um policial que fala sobre algumas possíveis causas, a questão do acesso a armas, disputas entre grupos rivais e envolvimento de jovens nos crimes. Esses pontos são abordados com mais frequência e foram trazidos como uma forma de complemento para a matéria exibida. O tempo dado à fonte não foi justificado, já que não houve nenhuma informação nova ou com caráter relevante. Sem retirar a importância da participação do policial, afinal de contas o pano de fundo é a violência urbana, outro tipo de fonte seria mais interessante para essa matéria em especial.

Fala-se de violência, mas, principalmente, de violência física que resulta em pacientes com graves ferimentos, que são encaminhados para cirurgias e internação. Foi citado o estresse causado pela situação para a equipe médica. Nesse momento do link ao vivo, seria mais complementar apresentar uma opinião psicológica ou então trazer para o âmbito da questão social, por exemplo. Falar tanto de como os profissionais de saúde lidam com essa situação e até mesmo do que pode levar os jovens a se envolverem em crimes violentos. Nesse caso, a polícia não se configura como única opção de principal fonte especializada.

Na matéria seguinte, quando se observa as imagens, não é mostrada conexão com a primeira logo de início. As primeiras imagens são de um ambiente de trabalho da polícia, com pessoas trabalhando, atendendo telefones. O fato de as matérias acerca de violência ouvirem sempre as autoridades policiais como fonte é reforçado já que um policial é ouvido rapidamente. Mas as imagens logo saem desse ambiente e passam a ser da fachada do HPS. Para quem acompanha o MGTV, as imagens podem ter servido

como uma forma de conexão com a matéria exibida no dia anterior, onde as mesmas imagens foram usadas para mostrar ao telespectador a situação do HPS, o Hospital de Pronto Socorro.

A recepção, a movimentação dos usuários e a imagem do corredor situam a matéria no cotidiano do hospital. Uma arte vai ao ar trazendo dados dos custos de variados procedimentos. O recurso também foi usado no dia anterior e é usado de maneira que chama a atenção para o que está sendo falado, pois traz alguns procedimentos de valor bastante elevado, de forma que o telespectador pode visualizar aquilo que está ouvindo.

Assim que a arte deixa de ser exibida, o corredor do hospital volta a aparecer e uma fonte é ouvida. O ambiente escolhido já indica se tratar de alguém ligado ao hospital. O uso de roupas brancas típicas de profissionais da área da saúde reforça essa percepção. O entrevistado é ouvido, a postura é formal, indicando se tratar de autoridade, de fonte especializada. O destaque é dado pela imagem centralizada enquanto ele fala.

Dessa vez a matéria se mantém no ambiente o hospital e a repórter faz a sua passagem ali mesmo na entrada, já mostrada tantas vezes. Somente essa análise das imagens já consegue mostrar que essa matéria continua a ideia do discurso construído na anterior, mas dessa vez a saúde pública é realmente o acontecimento principal, o assunto que a matéria explora em todo seu tempo de veiculação.

O entrevistado volta a falar, reforçando a importância dessa fonte para o conteúdo ali mostrado. A matéria é encerrada com essa segunda sonora, sem o aparecimento de mais nenhuma fonte ou cenário. Como se esse entrevistado trouxesse também uma conclusão a respeito do tema em questão, já que depois disso a matéria acaba.

Quanto ao áudio, ao texto usado para construir esse discurso, desde a cabeça da âncora, é feita uma relação entre essa matéria e a exibida no dia anterior. A âncora do telejornal deixa claro se tratar de uma repercussão e seu texto dá ênfase nos problemas financeiros que são gerados para a saúde pública do município por conta dos pacientes baleados que chegam aos prontos-socorros.

O primeiro OFF, no ambiente policial, não acrescenta tanto conteúdo a matéria, principalmente, por conta da angulação previamente definida, que mostrava que a matéria iria focar em quanto custa o paciente baleado para a saúde pública. É explicado apenas como a polícia recebe as ligações e efetua os atendimentos, antes de encaminhá-

los para o hospital responsável. É a única participação de policiais na matéria e por apresentar um conteúdo que não é fundamental para a matéria, é reforçada a ideia de que mesmo sendo voltada para a saúde, os discursos de violência estão sempre ligados a imagem de autoridades policiais.

Em seguida, quando o hospital passa a ser cenário principal, a repórter traz estatísticas e dados sobre os atendimentos gerados pela violência, como são as ocorrências mais comuns e com a ajuda da arte, traz valores de alguns procedimentos para exemplificar o que está sendo dito, de forma a chamar a atenção para um custo que é realmente alto e frequente no HPS de Juiz de Fora. Assim também se dá a fala do entrevistado, responsável pelo hospital, que reafirma os custos, trazendo uma comparação com o custo dos pacientes cotidianos, mostrando que os baleados causam custos bem mais altos.

A passagem fala a respeito do repasse de verbas para esse tipo de paciente, citando inclusive a transferência do recurso de outros pacientes para atender a essa demanda. Nesse trecho, tenta-se mostrar o quanto o atendimento a esse tipo de paciente prejudica um atendimento já defasado para tantos outros pacientes que chegam ao HPS todos os dias.

A fala do responsável pelo HPS então encerra a matéria. Ele conclui a ideia de que a verba usada poderia estar sendo empregada em outros setores importantes para a saúde. Por fim, ele foca sua crítica na falta de uma política de prevenção da violência e não na falta do repasse de verbas suficiente para tratar os pacientes vítimas de violência. Essa fala é a única que vem como uma forma de solução apresentada pela matéria, que só discorreu sobre dados e custos gerados ao hospital. Não foram trazidas fontes especializadas que pudessem falar sobre possíveis atitudes para coibir a violência e, conseqüentemente, melhorar o problema causado para os hospitais.

Faltou também a presença de sujeitos mais próximos desse acontecimento discursivo. Se pacientes baleados chegam todos os dias na unidade de emergência do Hospital de Pronto Socorro, afetando a rotina de um hospital já movimento e limitado de recursos, os médicos, enfermeiros e outros profissionais envolvidos têm muito o que falar sobre o preparo, o trabalho realizado e seus relatos desses acontecimentos. A matéria cumpre de forma superficial com a proposta de falar do custo dos pacientes baleados, sem se aprofundar nas questões sociais e políticas envolvidas.

4. CONCLUSÃO

A análise discorrida ao longo desse trabalho foi baseada em exemplos recolhidos a partir de uma amostra do produto escolhido. Dentro de seis meses de material exibido, duas matérias se destacaram e se encaixaram dentro da análise que se desejava propor. Ao concluir esse trabalho, portanto, é importante destacar que o resultado desse estudo e as opiniões expressas surgiram do estudo de exemplos, mas mostrando uma tendência do que acontece em âmbito geral.

Várias vezes foi falado sobre o papel do telejornalismo e sobre as pautas de saúde e violência, costumeiras na programação dos noticiários. O discurso apresentado trouxe a temática da violência em um viés que não é comumente trabalhado pelas grandes mídias. O sentido aqui atribuído a violência foi o de esse problema de cunho social também ser um agravante para a também polêmica e problemática questão da saúde pública, alvo de discussões e reclamações não só na região de Juiz de Fora, localidade dos acontecimentos aqui abordados, mas de um país inteiro.

Esperava-se no início dessa abordagem diferente e inicialmente interessante, que as matérias veiculadas, já que uma complementava a informação dada no dia anterior pela primeira, trouxessem a público não só a apresentação da violência como questão também de saúde pública, mas junto uma discussão acerca de como uma situação pode interferir na outra, como essa questão social pode ser repensada e até mesmo a proposta de possíveis caminhos e soluções.

Mas, o que foi visto e lido discursivamente, se limitou a apresentação de um fato, comprovado por dados de fontes oficiais e palavras de autoridades ligadas tanto a violência quanto a saúde, além de uma explanação mais detalhada do que estava sendo veiculado, sem mais interpretações e discursos produzidos, além disso.

Ao falar da saúde, o diretor do HPS e os representantes da Secretaria de Saúde, usaram a questão do número alto de pacientes baleados e feridos por crimes violentos, para falar sobre a precariedade do sistema público de saúde, uma realidade que já é conhecida por todos e frequentemente serve de pauta para diversas matérias que clamam por melhores condições, estrutura e aumento do número de profissionais disponíveis para atender ao público. A questão de como os profissionais do Hospital de Pronto Socorro trabalham nesses casos, se estão preparados e lidam com esses pacientes mais

complexos, já que chegam em situações de emergência e podem até mesmo apresentar um comportamento mais agitado e violento, foi simplesmente citada e não abordada.

Já as autoridades policiais, usam o discurso de buscar possíveis causas para o aumento recorrente da violência. É falado sobre uso de drogas e de desentendimentos entre gangues rivais muitas vezes causados por esse motivo. Acesso a armas de fogo e banalização da violência também são citados. Fora isso, novos pontos de vista e explicações sobre a mudança de como os crimes são praticados, já que estão mais violentos, são deixadas de lado.

A previsibilidade dos efeitos de sentido esteve em vários momentos das duas matérias. A primeira matéria, principalmente, imprimiu discursos cotidianamente adotados por autoridades e também pela população, ao ligar a criminalidade aos bairros de periferia e a jovens negros, mostrando as ruas desses locais e seus moradores como personagens de um problema que atinge toda uma sociedade, sem distinção de classe social e faixa etária.

A voz da polícia militar, autoridade que se mostra como sujeito participativo no problema da violência, trabalhando em seu combate e prevenção, não trouxe nada de novo, ao abordar fácil acesso a armas até mesmo por jovens, problemas com drogas e disputas de gangues. Esses enunciados soam tão comuns do ouvido do telespectador, que esse discurso pode ser facilmente confundido com o de outra matéria veiculada em alguma outra edição.

O mesmo caso ocorre ao serem ouvidas fontes oficiais ligadas a saúde pública do município, que cita as já constantes reclamações da falta de verbas e a precariedade do sistema público de saúde. As consequências da violência para a saúde pública são o discurso construído, sem efeitos relacionados a motivos, prevenção e soluções. A segunda matéria, mais pautada em dados e valores também se atém a questões financeiras, de verbas insuficientes para gastos causados.

Dentre as matérias sobre violência exibidas quase que diariamente no MGTV, as duas matérias se destacaram já pelas suas chamadas, por se diferenciarem de factuais, como crimes e operações da polícia. Foi criada uma expectativa de discurso ao fazer essa análise pelas chamadas de cada uma delas que não corresponde aos efeitos de sentido que elas produziram durante a análise minuciosa do discurso que as imagens, textos e dados construíram para o telespectador do telejornal.

É certo que muitos fatores interferem para que essa matéria não tenha surtido o efeito esperado para o trabalho a partir do momento em que foram anunciadas. As

matérias não trouxeram novas leituras possíveis. O MGTV em sua edição da noite, que foi a escolhida para a análise, conta com um curto tempo para sua exibição, que costuma variar entre 15 e 20 minutos. Esse pouco tempo pode ser um dos responsáveis pela superficialidade, mas soluções poderiam ser encontradas como a equipe do telejornal estudar a possibilidade de se produzir uma espécie de série de matérias sobre o assunto, o que permitiria ir mais a fundo na questão, exibir mais detalhes, mais desdobramentos e assim, então, trazer o diferencial.

Outro ponto, que já foi falado anteriormente, é a questão dos deadlines, do pouco tempo que os profissionais muitas vezes têm para se dedicar a produção e gravação de uma matéria, já que precisam preencher diariamente todo o tempo do telejornal com matérias relevantes. Essa rotina acelerada, o acúmulo de funções na redação e os prazos apertados colaboram para que o olhar discursivo que deveria estar presente no jornalista o tempo todo, seja substituído por uma visão mais automática, seguindo na produção das matérias um passo a passo já estabelecido, seguindo os procedimentos de costume, usando fontes de acesso mais facilitado.

Aqui foram analisados exemplos de um telejornal, mostrando um resultado que possivelmente é uma tendência dos outros telejornais semelhantes. Porém, podemos notar diferenças discursivas entre as matérias dos telejornais diários, que seguem a rotina do que é chamado na área de “hard News”, ou seja, as notícias mais urgentes e factuais e as matérias e reportagens exibidas em programas de cunho jornalístico ou revistas eletrônicas. Essas diferenças podem se dar pela diferença de formato e proposta que um telejornal possui para um outro tipo de programa. Há também a questão da periodicidade das exibições que podem permitir maior prazo para preparo.

Isso leva a crer que da mesma maneira que o telespectador pode ter sua análise discursiva prejudicada pelo fato de assistir ao telejornal sem dedicar total atenção devido a fatores como falta de tempo e outras atividades realizadas simultaneamente, também os jornalistas podem não estar sempre atentos aos elementos do discurso que estão construindo da forma como deveriam, o que resulta nos discursos hegemônicos a que estamos totalmente habituados.

Como já foi dito, trata-se de exemplos, mas que mostram uma tendência do que acontece nos produtos oferecidos ao público. Mas, ampliando nosso olhar discursivo para toda a variedade de informações que nos é produzida, é provável sempre serem encontrados discursos construídos em lugares comuns, com fontes que trarão enunciados de complementação e não de indagação. Exemplo do povo-fala, usado nas

matérias dessa análise com a mesma função pela qual costuma sempre ser incluído em reportagens de telejornal, um recurso utilizado para reafirmar nas palavras de um outro sujeito, o que o autor está querendo trazer em seu enunciado. Aqui o exemplo foi clássico, já que trouxe pessoas mais próximas ao senso comum do que da realidade que foi apresentada na matéria.

Os efeitos de sentido são muitos e fogem do controle do autor de cada discurso, mas o que falta não só no telejornalismo regional, como no jornalismo nacional e em seus mais diversos meios de propagação, é a proposta de novos discursos, novos jeitos de ‘ler’ acontecimentos a que todos estão habituados e trazer ao sujeito leitor desses discursos, efeitos que vão torná-lo mais do que um simples telespectador, leitor ou internauta, mas um sujeito participativo e até mesmo mais inserido na sua própria realidade.

Há que se combater não só nos telejornais, mas no jornalismo como um todo, nas suas mais diversas plataformas de veiculação, a criação de discursos hegemônicos, que não dão uma maior abertura para apresentar novos enunciados, que vão oferecer ao público um novo olhar sobre o que já é lido praticamente de forma automática e sem mais questionamentos. O jornalista deve também analisar discursivamente o conteúdo que ele produz para ir ao ar, despertando também no telespectador o ato de não só consumir os produtos que recebe dos telejornais, mas também, analisar discursivamente e depreender os sentidos presentes nos enunciados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA E SILVA, Rodrigo. *A Construção da Violência no Telejornalismo Popular Brasileiro*. Trabalho apresentado no GT 7, Telejornalismo e sociedade, do Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teóricos-metodológicos, Salvador/BA, realizado entre os dias 23 e 26 de agosto de 2011.

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

BUENO, Wilson da Costa. *A Cobertura da Saúde na Mídia Brasileira: os sintomas de uma doença anunciada*. 2001

COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do Telejornalismo: A narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG*. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2012.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *Televisão como Objeto Discursivo: o Discurso Televisivo no Brasil*. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.

MATA, Jhonatan. *Um telejornal para chamar de seu*. Juiz de Fora, Insular, 2013.

MENDONÇA, Kléber. *A Punição pela Audiência – Um Estudo do Linha Direta*. Quarter Editora, 2002.

MENDONÇA, Kléber. *Tramas discursivas: apontamentos para a análise dos efeitos de sentido no telejornalismo brasileiro*. Artigo publicado no livro *Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador, EDUFBA, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos*. Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto – Formulação e Circulação de Sentidos*. Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em Análise – Sujeito, Sentido e Ideologia*. Pontes, 2012

PATERNOSTRO, Vera Iris. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TABAKMAN, Roxana. *A Saúde na Mídia – Medicina para Jornalistas, Jornalismo para Médicos*. Summus, 2013.